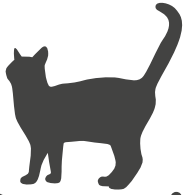


Rachel Wells

ALFIE

O GATO DO BAIRRO

Tradução de Isabel Alves



Capítulo

Um

– Não vai levar muito tempo a encaixotar tudo – disse a Linda.

– Linda, o teu otimismo é de mais; olha para esta tralha toda que a tua mãe acumulou – respondeu o Jeremy.

– Estás a ser injusto. Ela tem alguma louça bonita e, quem sabe, até pode haver peças valiosas.

Eu estava a fingir que dormia, mas estava de ouvidos apurados, sem perder pitada do que eles diziam e tentando parar a cauda que se agitava, frenética. Estava aninhado na cadeira favorita da Margaret – ou antes, na cadeira que tinha sido a sua favorita – observando a filha e o genro a discutir o que ia acontecer; a decidir o meu futuro. Os últimos dias tinham sido terrivelmente confusos, sobretudo porque não compreendia inteiramente o que se tinha passado. O que compreendia, isso sim, ao ouvi-los, esforçando-me por não chorar, era que a minha vida nunca mais seria a mesma.

– Hás de ter uma sorte! Adiante, o melhor é chamarmos uma dessas empresas que recolhem o recheio das casas. Sabe Deus que não queremos ficar com a tralha dela. – Tentei lançar-lhes uma olhadela sem eles repararem. O Jeremy era alto, com cabelo grisalho e mau feitio. Para ser franco, nunca tinha simpatizado muito com ele mas a mulher, a Linda, sempre tinha sido boa para mim.

– Gostava de poder guardar algumas coisas da minha mãe. Vou ter saudades dela. – A Linda começou a chorar e eu tive vontade de miar de dor, mas fiquei calado.

– Eu sei, querida. – O Jeremy falou numa voz mais doce. – O problema é que não podemos ficar aqui eternamente. Agora que o funeral

já foi, temos de pensar em pôr a casa à venda e, enfim... se encaixarmos tudo podemos sair daqui dentro de dias.

– É só que parece tudo tão definitivo. Mas tens razão, claro que tens. – Suspirou. – E o *Alfie*? – Entrei em pânico. Era disto que eu estava à espera. O que me ia acontecer?

– Suponho que teremos de o pôr num abrigo. – Senti os pelos a eriçarem-se.

– Num abrigo? Mas a mamã adorava-o. Acho uma crueldade livrarmo-nos dele assim. – Só queria poder exprimir-lhe a minha concordância; ultrapassava os limites da crueldade.

– Sabes muito bem que não podemos levá-lo para casa. Temos dois cães, querida. Um gato não ia ser uma boa ideia.

Fiquei indignado. Não era que quisesse ir com eles, mas para um abrigo é que não podia ir.

Abrigo. Percorreu-me um calafrio ao ouvir a palavra; era um termo totalmente impróprio para o que nós, na comunidade dos gatos, encarávamos como o «corredor da morte». Talvez encontrassem uma nova casa para alguns gatos com sorte, mas sabia-se lá o que lhes acontecia depois? Quem podia assegurar que a nova família que os acolhesse os trataria bem? Os gatos meus conhecidos concordavam unanimemente que um abrigo era um sítio mau. E sabíamos, sem sombra de dúvida, que, para os que não fossem colocados numa nova casa, equivalia a uma sentença de morte.

Embora me considerasse um gato bonito, com um certo charme, não estava de maneira nenhuma disposto a correr tal risco.

– Eu sei que tens razão, os cães comiam-no vivo. E, hoje em dia, tratam-nos muito bem nesses abrigos e pode ser que lhe arranjem rapidamente uma casa nova. – Fez uma pausa como se ainda estivesse a refletir. – Não, não há outra solução. Amanhã ligo para o abrigo e para a empresa de recolha. Depois podemos chamar um agente imobiliário, suponho. – Falou agora mais decidida e eu percebi que a minha sorte estava traçada, a não ser que me insurgisse.

– Agora sim, estás a pensar como deve ser. Eu sei que é difícil, Linda, mas a tua mãe já tinha muita idade e, sinceramente, não se pode dizer que tenha sido uma grande surpresa.

– Pois, mas não é por isso que se torna mais fácil, pois não?

Tapei as orelhas com as patas. Tinha a minha pobre cabeça a andar à roda. Nas duas últimas semanas, tinha perdido a minha dona, o único ser humano que tinha verdadeiramente conhecido. A minha vida tinha ficado virada do avesso e eu estava muito triste, desolado e agora, ao que parecia, sem teto. O que é que um gato como eu podia fazer?

Eu era o que se chamava um «gato de colo». Não sentia qualquer necessidade de passar a noite na rua a caçar, a rondar ou a conviver, quando tinha um regaço quente, comida e conforto. E também tinha companhia; uma família. Mas fiquei privado de tudo isto e o meu coração de gato ficou totalmente destroçado. Pela primeira vez, estava absolutamente sozinho.

Tinha vivido nesta pequena casa geminada com a minha dona, a Margaret, quase toda a minha vida. Tinha também uma irmã, uma gata chamada Agnes, embora fosse mais como uma tia porque era muito mais velha do que eu. Quando, há um ano, a Agnes partiu para o céu dos gatos, senti uma dor que nunca tinha imaginado possível. O desgosto foi tão profundo que pensei que nunca mais ia recuperar. Mas tinha a Margaret, que me amava, e buscámos consolo um no outro para o nosso sofrimento. Ambos adorávamos a Agnes e, unidos pela mágoa, sentíamos saudades terríveis dela.

Todavia, aprendi recentemente que a vida pode ser muito cruel. Um dia, há algumas semanas, a Margaret não se levantou da cama. Sendo um gato, não fazia ideia do que se estava a passar e do que devia fazer e, assim, deitei-me ao lado dela e pus-me a miar a plenos pulmões. Felizmente, era o dia da visita da enfermeira que tratava da Margaret uma vez por semana e, quando ouvi a campainha, saí relutantemente de ao pé da Margaret e saltei para a rua pela gateira.

– Oh, meu Deus, o que é que se passa? – perguntou a enfermeira ao ver-me gemer com quantas forças tinha. Quando voltou a tocar à campainha, dei-lhe várias patadas suaves, mas insistentes, para lhe indicar que havia um problema. Ela serviu-se da chave sobresselente e descobriu o corpo inanimado da Margaret.

Fiquei a fazer companhia à Margaret, sabendo que a tinha perdido para sempre, enquanto a enfermeira fazia várias chamadas. Algum tempo depois, apareceram uns homens que a levaram no

meio dos meus miados incontroláveis. Não me deixaram ir com a Margaret e foi nesse momento que compreendi que a minha vida, tal como a conhecia, tinha chegado ao fim. Chamaram os familiares da Margaret e eu continuei a gritar. Gritei tanto que fiquei rouco.

Enquanto o Jeremy e a Linda continuavam a conversar, saltei silenciosamente da cadeira e saí de casa. Pus-me a rondar por ali, à procura de alguns dos outros gatos para lhes pedir conselho, mas, sendo horas de jantar, a minha busca foi infrutífera. Contudo, conhecia uma simpática gata de idade, chamada Mavis, que vivia mais adiante na rua, e resolvi ir visitá-la. Sentei-me do lado de fora da gateira dela e pus-me a miar alto e bom som. Ela sabia que a Margaret tinha morrido; tinha-a visto a ser levada e, pouco depois, tinha-me encontrado a chorar a morte dela. Era uma gata maternal, um pouco como a Agnes, e tinha olhado por mim, deixando-me gritar até perder as forças. Tinha-me feito companhia, partilhando comigo a sua comida e o seu leite, até a Linda e o Jeremy chegarem.

Ouvindo-me chamar, saiu pela gateira e eu expliquei-lhe a minha situação.

– Eles não podem levar-te? – perguntou, olhando-me com olhos tristes.

– Não, dizem que têm cães e... para ser franco, também não quero viver com cães. – Estremecemos os dois com a ideia.

– Só um doido – observou ela.

– Não sei o que hei de fazer – lamentei, tentando não voltar a chorar. A Mavis aninhou-se contra mim. Só recentemente é que nos tínhamos tornado íntimos, mas ela era uma gata muito carinhosa e eu sentia-me reconhecido pela sua amizade.

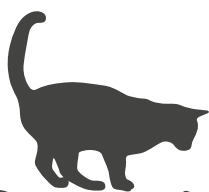
– Alfie, não os deixes levar-te para o abrigo – disse ela. – Eu tomava conta de ti, mas não me parece que possa. Estou velha e cansada e a minha dona não é muito mais nova do que a Margaret. Tens de te encher de coragem e encontrar uma nova família. – Roçou o pescoço contra o meu num gesto de afeto.

– Mas como é que faço isso? – perguntei. Nunca me tinha sentido tão perdido e assustado.

– Quem me dera saber responder-te, mas pensa no que aprendeste ultimamente sobre a fragilidade da vida e sê forte.

Esfregámos os narizes um no outro e eu percebi que tinha de partir. Voltei para casa da Margaret pela última vez, para gravá-la na memória antes de me ir embora. Queria levar uma imagem dela comigo para me acompanhar na viagem. Esperava que me desse forças. Olhei para as bugigangas da Margaret, os seus «tesouros», como ela lhes chamava. Olhei para os quadros na parede que conhecia tão bem. Olhei para a alcatifa, gasta nos pontos em que a tinha arranhado quando eu era jovem e imprudente. Esta casa era eu e eu era ela. E agora não fazia ideia do que ia ser de mim.

Sentia pouco apetite mas fiz um esforço para comer a comida que a Linda me tinha deixado (afinal não sabia quando teria oportunidade de voltar a comer) e depois passei os olhos, demoradamente e pela última vez, pela casa que tinha sido minha; a casa onde sempre me tinha sentido reconfortado e seguro. Pensei nas lições que tinha aprendido. Durante os quatro anos vividos nesta casa, tinha compreendido muita coisa sobre o amor e a perda. Tinha sido alvo de carinho e agora não tinha ninguém. Recordei o dia em que aqui cheguei, ainda bebé. Recordei a antipatia da Agnes, que me considerava uma ameaça. Como a tinha conquistado e como a Margaret nos tinha sempre tratado como se fôssemos os gatos mais importantes do mundo. Pensei na sorte que tinha tido; mas agora a sorte tinha chegado ao fim. Ao lamentar a única vida que tinha conhecido, senti instintivamente que tinha de sobreviver, mas não fazia ideia como. Preparei-me para dar um salto no desconhecido.



Capítulo

Dois

Dominado pelo desgosto e não vislumbrando qualquer alternativa razoável, parti da única casa que alguma vez tinha conhecido. Não fazia ideia para onde havia de ir nem como ia desenvencilhar-me, mas sabia que seria infinitamente melhor confiar em mim mesmo e nas minhas capacidades limitadas do que estar num abrigo. E também sabia que um gato como eu precisava de um lar e de amor. Quando me meti pela noite dentro, o meu pequeno corpo a tremer de medo, tentei não sucumbir ao desalento. Apesar de pouco experiente, tinha a certeza de que nunca mais queria estar sozinho. Este gato precisava desesperadamente de encontrar um regaço, ou mesmo mais do que um regaço, para se sentar. Com determinação, tentei invocar coragem. Esperançado, rezei para que ela não me faltasse.

Comecei a caminhar, deixando-me guiar pelos sentidos. Não estava habituado a deambular pelas ruas na noite escura e hostil, mas tinha bons olhos e ouvidos e ia dizendo constantemente a mim mesmo que ia correr tudo bem. Esforcei-me por ouvir as vozes da Margaret e da Agnes, na esperança de que animassem os meus passos.

A primeira noite foi difícil, assustadora e interminável. A certa altura, à luz do luar, dorido e exausto, tive a sorte de encontrar um telheiro no fundo de um quintal. A porta estava aberta e, embora fosse um sítio poeirento e coberto de teias de aranha, estava demasiado cansado para me importar. Enrosquei-me num canto, no chão duro e sujo, e acabei por conseguir adormecer profundamente.

Durante a noite, um miado fortíssimo despertou-me e um gato preto e enorme surgiu por cima de mim. Dei um salto, amedrontado.

Ele olhava para mim enfurecido e, embora me tremessem as pernas, tentei manter-me firme.

– O que é que estás aqui a fazer? – perguntou ele, agressivo, bufando-me.

– Só queria um sítio para dormir – respondi, tentando em vão falar com segurança. Era impossível passar por ele facilmente e, como tal, sempre a tremer, levantei-me e procurei arvorar um ar ameaçador. O gato sorriu, um sorriso malévolos, e eu quase me fui abaixo. Ele estendeu uma pata e raspou-me a cabeça com as garras. Soltei um gemido, sentindo a dor causada pelo seu arranhão, e tive vontade de me enrodilhar numa bola, mas sabia que tinha de fugir deste gato malvado. Ele atirou-se a mim outra vez, as garras reluzindo mesmo à frente dos meus olhos, mas por sorte eu era mais ágil do que ele. Lancei-me na direção da porta, roçando o seu pelo rijo mas conseguindo escapar. Ele virou-se e pôs-se outra vez a miar agressivamente. Eu respondi com uma rosnadela e depois larguei a correr com toda a velocidade que as pernas me permitiam. A dada altura, estaquei e, sem fôlego, olhei para trás, descobrindo que ele não me tinha seguido. Tinha tido o meu primeiro encontro com o perigo e percebi que, para sobreviver, tinha de desenvolver uma carapaça mais rija. Alisei a pelagem com a pata e tentei ignorar o arranhão que ainda me doía. Apercebi-me de que era capaz de ser rápido, se precisasse, e de que podia servir-me desse atributo para escapar ao perigo. Continuei, soltando mais alguns miados de dor, tolhido mas também incentivado pelo medo. Levantei os olhos para o céu noturno, para as estrelas, e mais uma vez me interroguei se a Agnes e a Margaret poderiam ver-me, onde quer que estivessem. Esperava que sim, mas não sabia. A minha experiência era muito limitada.

Quando me senti capaz de voltar a parar, já estava esfomeado, e o frio era de rachar. Habitado a instalar-me ao pé da lareira da Margaret dia após dia, esta vida era totalmente estranha para mim. Sabia que, para arranjar comida, tinha de caçar; algo que, na verdade, nunca tinha feito no passado e para que não tinha a mínima destreza. Segui o meu faro e descobri uns ratos a rondar os contentores do lixo à porta de uma grande casa. Apesar da minha repugnância – normalmente tinha comida de lata, salvo em ocasiões

especiais em que a Margaret me dava peixe – dei caça a um, encurralando-o e lançando-me sobre ele. Não estando acostumado a sentir tanta fome, soube-me pela vida e deu-me a energia de que precisava para prosseguir.

Continuei a vaguear pela noite dentro até o dia começar a nascer, tentando recordar que ainda era eu, Alfie, o gato brincalhão, enquanto corria atrás da cauda e praticava os meus saltos. Dei caça a uma mosca gorda, mas depois lembrei-me que tinha de preservar as energias; não sabia onde nem quando ia encontrar a próxima refeição.

Ainda sem saber para onde me dirigia, cheguei a uma rua larga e apercebi-me de que tinha de atravessá-la. Não estava habituado nem a ruas nem a tráfego; quando era um gatinho, a Margaret tinha-me avisado do perigo de me aproximar das ruas. Passavam carros e furgonetas a todo o gás e o barulho era tal que me enchia de medo. Parado no passeio, o coração batia-me descompassadamente até que vi uma aberta. Quase fechei os olhos e larguei a correr, mas consegui controlar o tremor nas pernas antes de cometer alguma estupidez. A medo, pousei uma patinha na rua, sentindo o estrépito do tráfego a aproximar-se. Soou uma buzina e, quando me virei para a esquerda, vi um par de faróis enormes a cair sobre mim. Lancei-me num *sprint*, correndo mais depressa do que alguma vez tinha corrido, e senti, horrorizado, um raspão na cauda. Gani e saltei o mais longe que pude, aterrando no passeio. Com o coração aos pulos, olhei para trás e vi um carro a passar a toda a velocidade, percebendo que tinha sido por pouco que não me tinha atropelado. Pensei se teria usado uma das minhas sete vidas – quase tive a certeza que sim. Acabei por recobrar o fôlego, mais uma vez deixando o medo impelir-me, e com pernas moles como gelatina avancei durante alguns minutos para longe da rua antes de desabar junto de um portão de entrada.

Passados uns minutos, abriu-se uma porta e uma senhora saiu. Levava um cão pela trela. O cão, atirou-se a mim, ladrando furiosamente, e mais uma vez tive de me desviar do perigo. A senhora puxou pela trela e gritou com o cão que me rosou. Não ficou sem resposta porque desatei a bufar-lhe.

Estava a aprender bem depressa que, a um milhão de milhas da minha casa, da Agnes e da Margaret, o mundo era um lugar perigoso e hostil. Comecei a pensar se um abrigo não seria afinal mais seguro.

Mas agora não podia voltar atrás. Por esta altura, já não fazia ideia de onde estava. Quando parti, não sabia exatamente para onde ia, nem o que podia acontecer-me, mas tinha esperança. Pensei que teria de percorrer uma certa distância mas, no meu subconsciente, uma família bondosa, talvez uma menina meiga, acabaria por me encontrar e me levar para a minha nova casa. Perante os terrores diários que defrontava, por vezes fugindo de morte certa e sentindo-me muitas vezes a ponto de desfalecer de fome, era esta a imagem que guardava na cabeça.

Por esta altura, sentia-me desorientado, sequioso e exausto. A adrenalina que me tinha aguentado estava a abandonar-me, sendo substituída por uma pesada sensação nas pernas.

Fui dar a uma viela obscura onde a altura das vedações, em que me equilibrava como uma bailarina, me transmitia alguma segurança. Socorri-me da minha reserva de energias para o fazer. Avistei então um jardim, onde havia uma grande taça de água presa a um poste; a Margaret tinha uma assim no jardim para os pássaros beberem. Saltei para o chão e consegui trepar o muro, a tal ponto sedento que teria sido capaz de escalar a mais alta montanha. Bebi sofregamente, grato pelo alívio imediato que me propiciou. Afugentei alguns passarocos; esta água agora era minha. Depois de a ter praticamente esvaziado, voltei para as vedações e continuei o meu caminho, cada vez mais distante da minha antiga vida.

Felizmente, passei uma noite tranquila. Cruzei-me com outros gatos mas eles ignoraram-me, demasiado ocupados com os seus miados e acasalamentos para me darem atenção.

A Agnes, que já mal conseguia mexer-se quando a conheci, tinha-me ensinado quase tudo o que eu sabia sobre outros gatos, incluindo os da nossa rua, que eram no geral cordiais, sobretudo a Mavis que tinha sido muito boa para mim. Tinha vontade de abordar os gatos para pedir ajuda, mas eles pareciam demasiado atarefados e, depois do incidente com o gato preto, estava assustado e, como tal, prossegui cautelosamente o meu caminho.

Na manhã seguinte, senti que tinha percorrido uma distância considerável. Novamente assaltado pela fome, decidi tentar pôr o meu ar mais sedutor, na esperança de que algum gato caridoso me desse de comer. Esbarrei com um gato que estava refastelado ao sol, à porta de uma casa com uma brilhante porta vermelha. Aproximei-me a medo e pus-me a ronronar.

– Credo – exclamou o gato, que era afinal uma senhora gata malhada bastante corpulenta –, estás com um ar terrível. – Preparava-me para me mostrar ofendido, mas lembrei-me que, de facto, não me tinha arranjado como devia ser desde a partida da casa da Margaret porque estava mais preocupado em sobreviver e evitar sarielhos.

– Não tenho abrigo e estou cheio de fome – miei.

– Anda daí, eu divido o meu pequeno-almoço contigo – sugeriu ela. – Mas depois tens de te ir embora. A minha dona está aí a chegar e não há de gostar de encontrar um gato vadio em casa. – De súbito ocorreu-me que era isso mesmo que eu era, um gato vadio. Não tinha casa, família, proteção. Pertencia à categoria dos gatos desafortunados que tinham de se desenvencilhar sozinhos; que viviam num estado de medo constante, sempre com fome e cansados; que nunca se sentiam em forma e cuja aparência era a pior possível. Tinha acabado de engrossar as suas fileiras e a sensação era péssima.

Reconhecido, comi e bebi e depois fiz-me ao caminho, agradecendo e despedindo-me da simpática gata. Nunca soube o nome dela.

O meu estado de espírito refletia a minha condição física. A mágoa, sempre presente, pesava-me no coração, não havendo fibra do meu corpo que não doesse fisicamente com as saudades que sentia da Margaret. Mas tinha conhecido o amor; o amor da minha dona e da gata minha irmã e, por esse amor, por elas, tinha de continuar. Agora, com a barriga cheia, sentia-me com energia renovada para encarar o mundo sem medo.